

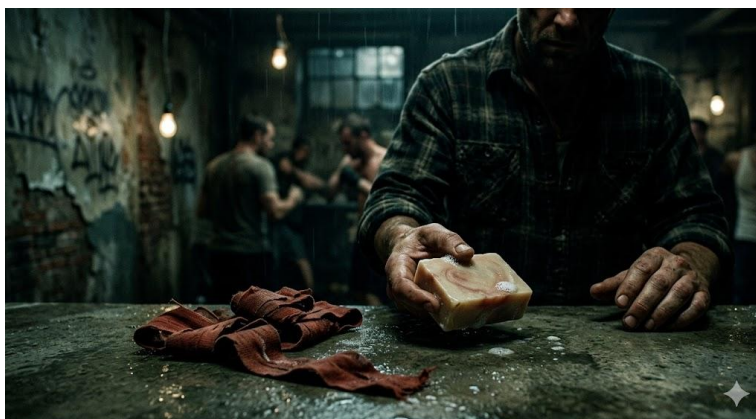
"Crónicas de Sábado sem Papas nem Aspas"

Uma rubrica por Helder Gonçalves (#h3ld3rg)

Crónica nº 7, Volume V

"Fight Club e o enigma que sussurra — se quisermos"

Sábado, dia 28 de fevereiro de 2026



Escrita crua, sem filtros, para quem escolhe sentir antes de julgar.
Com mais veneno onde é preciso, e mais humanidade onde dói.
Murros no estômago e abraços à lucidez.
Textos que desafiam convenções, expõem contradições e convidam à reflexão.
Aqui não há papas nem aspas!
Há vida crua, há memória viva, há coragem escrita.
Porque escrever é resistir.
E resistir é escolher viver.

Esta crónica é parte do meu testemunho vivo.
Texto original de **Helder Gonçalves** (#h3ld3rg)
Todos os direitos reservados.
Reprodução, distribuição ou adaptação não autorizada é proibida por lei.

“*Fight Club* e o enigma que sussurra — se quisermos”

Há filmes que não revemos: esperamos por eles, como eles esperam por nós.



Se esta abertura te criou fome, melhor ainda. A minha segunda visita a *Fight Club* apareceu assim — sem aviso, mas no momento certo. Aposto que também tens um despertar à tua espera.

Fight Club não é um filme que se revê — é um lugar onde regressamos. Chega como um cheiro antigo, metálico, ferrugento. Um odor que não sabemos de onde vem, mas que reconhecemos na pele, como um déjà vu.



Há enigmas assim: não se explicam, não se oferecem, não se impõem. Aproximam-se. Sussurram. E nós — só nós — decidimos se queremos ouvir.

Eu quis. Anos depois. Quase uma vida depois.

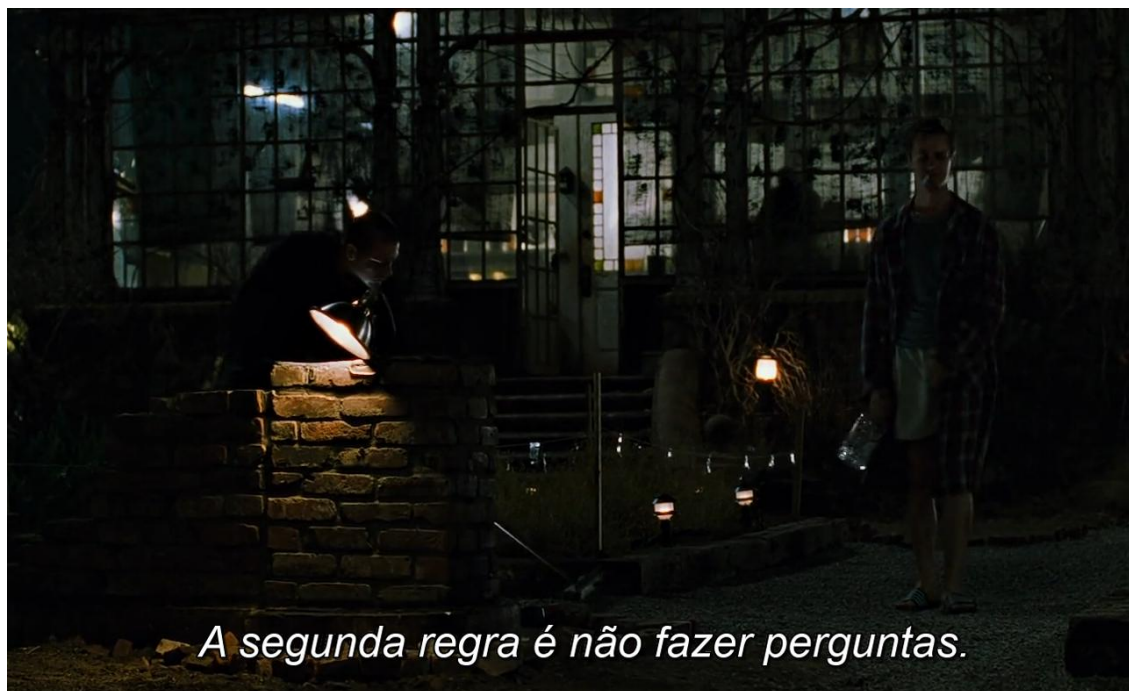
Voltei a ***Fight Club*** como quem regressa ao sítio onde levou um murro e não percebeu logo de onde veio. Mas tive que “o” aceitar.

Vi-o na estreia, perto do milénio, quando ainda achava que a resistência era uma coisa que se treinava nos braços. Hoje sei que é outra coisa: é o que fica depois de tudo o resto ceder. É o que sobra quando o corpo já não aguenta, mas a pergunta continua de pé.

Desta vez, não entrei na sala apenas como espectador. Entrei como quem entra num ringue que já conhece o meu nome. O jovem que fui viu caos, estilo, rebeldia. O homem que sou hoje sentiu outra coisa: o cheiro do sangue da luta de ontem, aquele que fica no ego mesmo depois de o massajarmos.

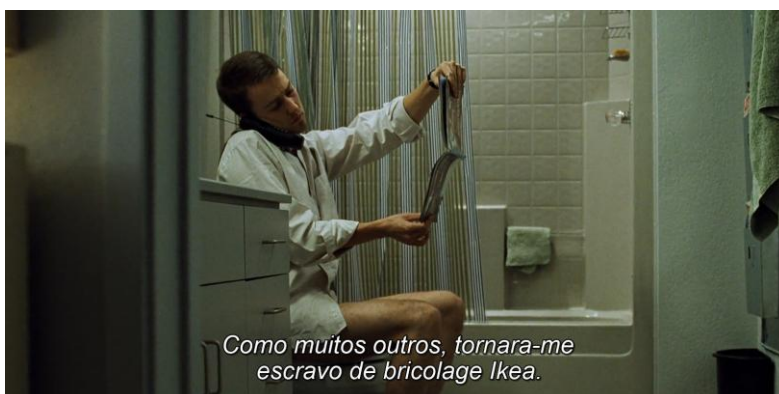


E, algures entre um frame e outro, percebi que não estava só a ver um filme — estava a ser visto por ele. Fincher faz a imagem tremer, liberta sirenes, abre fissuras, como quem nos pede para derrubarmos paredes, pedra a pedra, murro após murro: “*Tu já queres algo, mas... será que é **agora** que te vais deixar cair?*”



Como aceitá-lo, quando a sociedade nos exige que nos mantenhamos de pé?
A imagem tem de nos continuar a sufocar.
Tem de continuar a confundir-nos.
Tem de continuar a forçar-nos a esquecer a dor real.
Tem de continuar a focar-nos nas ilusões do conforto.
Tem de continuar.
Tem.

E continua.



Porquê? Porquê SIM!
Porque... é conforto.
Porque... não dói tanto.

E para quê?

Para que sejamos aceites.
Para que façamos parte do **clube**.
Para que não sejamos rejeitados.
Para nos sentirmos amados e queridos e desejados.
Não é isto que todos desejamos?
Um carinho “real” nascido de uma mentira absoluta?

... e “Chorus” ...



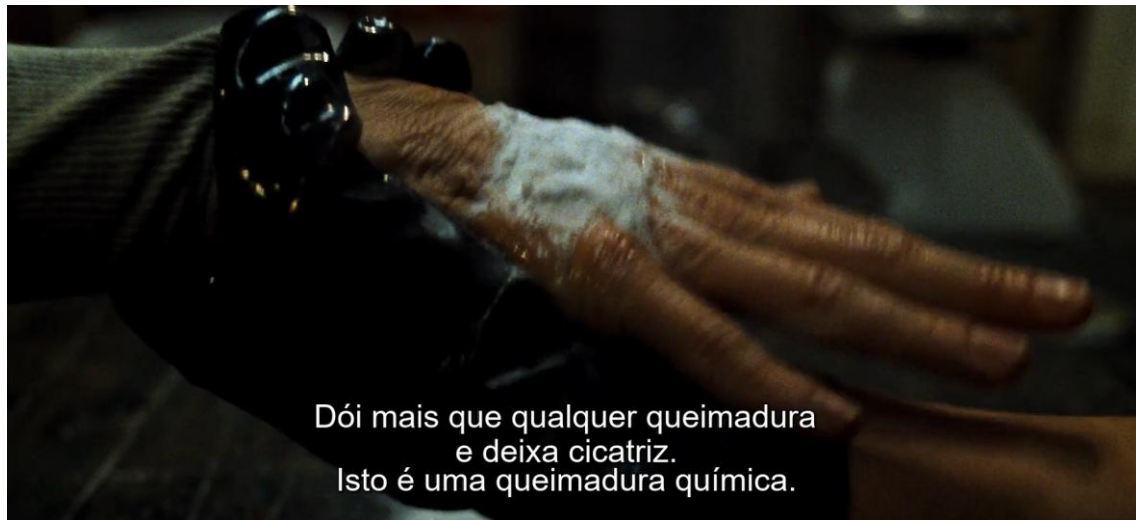
Ou para que não revelem em nós os nossos fantasmas, as nossas fragilidades, as nossas inferioridades, as nossas carências, as nossas dores, os medos, os receios.

E lá seguimos, alegres e contentes, atrás do mesmo rebanho, com a mesma força e vontade, por não sermos os únicos... estúpidos.

Até esquecendo que continuamos a ir... atrás.

E quando esta revolta nos assola, justificamos estar zangados “**connosco próprios**” ou contra aquilo que não presenciámos. Assim, podemos afastar a nossa consciência da realidade.

“Mas porquê?”
“Porquê???”
Porque a verdade DÓI, Fod@-se!!!”



Brilhante, Fincher, esta tua mestria, que rebenta com qualquer fita de longa-metragem.

Há filmes que envelhecem. **Fight Club** amadurece.

E Brad Pitt sabia-o. Disse um dia que este seria para sempre o melhor filme em que entraria. E eu quis perceber porquê. Será que tu, leitor, também aceitas esse desafio?

Vais ver: percebe-se bem porquê.

Não é um filme — é um espelho. Um espelho que não mente e que não avisa quando vai partir. E eu, Helder, dei por mim ali, diante desse espelho, a tentar perceber se ainda reconhecia o rosto que ele me devolia.

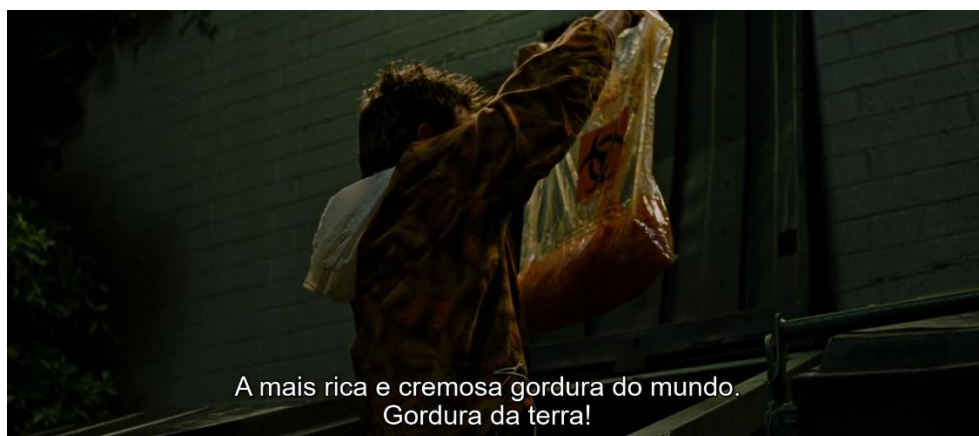
Há, neste proliferar de “**Clubes de Combate**” pelo mundo, uma espécie de evangelho às avessas: não se prega nada, mas revela-se tudo. E talvez por isso nascem sempre em caves, garagens húmidas, armazéns abandonados — lugares onde a luz não chega, mas onde a verdade, essa, costuma entrar sem pedir licença.



São espaços clandestinos não por medo da polícia, mas porque a superfície, com as suas vitrines e promessas de sucesso, já não comporta homens que querem sentir algo real. A cave é o útero e o confessionário, o único sítio onde a dor não é um escândalo, mas uma língua franca.

E assim se espalham, como fungos de uma sociedade saturada: discretos, subterrâneos, privados — porque só no escondido é que se pode admitir o que se perdeu cá em cima.

Depois há o sabonete — esse pequeno altar portátil da ironia fincheriana. Feito da gordura retirada em operações estéticas, gordura que alguém paga para remover, gordura que alguém rejeita como se rejeita um erro.



E, no entanto, é com essa mesma gordura, reciclada, fervida e moldada, que todos nós acabamos por nos lavar. Um ritual quase litúrgico: purificarmo-nos com aquilo que desprezamos em nós.

Fincher não precisa de sublinhar nada — o sabonete diz tudo. É a metáfora perfeita de um mundo que transforma inseguranças em produto, lixo em luxo, e que nos vende de volta, perfumada, a nossa própria banha.

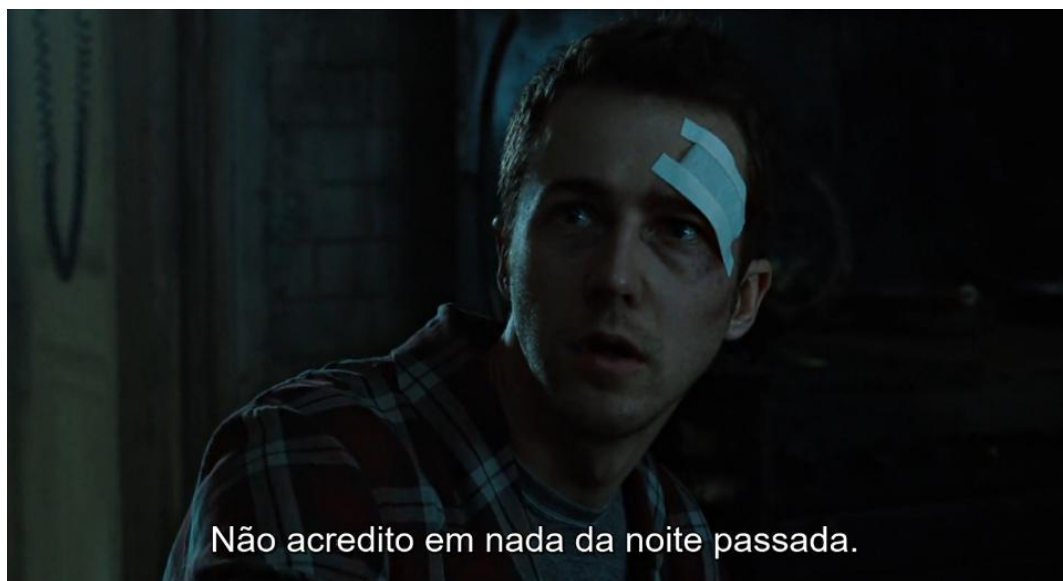


No fundo, lavamo-nos com aquilo de que fugimos, e saímos do banho a cheirar a mentira.

E lá pelos cinquenta minutos depois da primeira hora...

Há **aquela** cena — tu sabes qual — que não é apenas um ponto alto narrativo. É um sismo interior. A sala continua quieta, mas o chão dentro de nós mexe.

O protagonista começa a juntar peças que sempre estiveram ali, mas que nunca quis ver.



E há um instante, um único instante, em que tudo se ilumina por dentro. Não por fora. Por dentro. É a luz crua da consciência, sem filtros, sem banda sonora a suavizar o impacto. Ele pergunta: “**Tu conheces-me?**” E o mundo fica suspenso.

Não é uma pergunta ao outro — é a pergunta que todos evitamos. A pergunta que eu próprio, durante anos, fui adiando em silêncio. Porque responder implica admitir o que fizemos, o que fingimos, o que escondemos de nós mesmos. Implica enfrentar os valores ofuscantes — mas imperialistas — da sociedade.



O silêncio esmagador que se segue é o verdadeiro *plot twist*.

É o momento em que percebemos que a luta nunca foi contra ninguém. Foi sempre contra o reflexo. Contra a versão de nós que construímos para sobreviver, para agradar, para caber.

E ali, sentado na cadeira, senti que o filme me encostava às cordas e murmurava:

“E tu, Helder... tu conheces-te?”



Quando ele finalmente diz aquilo — aquela frase curta, quase um sussurro — ao mesmo tempo que Fincher introduz um som eletrizante em fade out...

Parece que estamos a acordar pela primeira vez. Não do sono. Da vida.
Da mentira que contamos a nós próprios.
Da máscara que vestimos sem saber.

E eu, do lado de cá do ecrã, senti algo a rachar por dentro — como se também eu estivesse a ser desmascarado em tempo real.

E então, como num avião em turbulência, ouvimos a voz que não é dele, nem do cockpit, nem nossa — mas que podia ser — naquele delírio auditivo que nos corta a respiração e nos esmurra, em preparação para o twist...:
É o enigma que sussurra — mas só se quisermos...:



“Voltem aos vossos lugares e coloquem as costas das cadeiras na vertical.”

É uma possível tradução para português de algo que, talvez, só na sua forma nativa tem os restantes 10% de impacto que Fincher quer. E, ao usar a voz de Norton, atinge o êxtase ecoante e escorregadio com...:

“Please return to your seats and place your seat backs in the full upright position.”

É o aviso antes do impacto. O anúncio que ninguém ouve porque todos acham que é rotina. Mas não é. É o momento em que percebemos que o protagonista — e nós — estamos prestes a cair dentro de nós próprios.

A cabine treme, as luzes piscam, mas o verdadeiro acidente acontece cá dentro, no sítio onde já não há cintos de segurança.

Ouviste? Isso mesmo: leste agora o sussurro. Mas será que o vais aceitar? Ou ainda duvidas, leitor?



Então, volta lá e aceita o grito pela espinha que te despe a imagem e te acorda para a vida...

Estás a ouvir agora??? Boa...

Então, pumba!

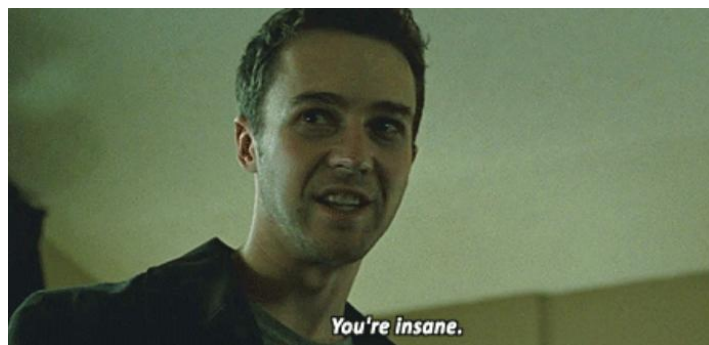
Fincher liberta-nos para finalmente nos deixar cair.

Cruel? Não!

Antes elegante. Cru. Desafiante.

Porque quando ele finalmente reconhece o nome que sempre evitou dizer, não é revelação.
É libertação.

É o instante em que o enigma deixa de sussurrar — porque já foi ouvido.



Nunca mais deixes apagar esse ruído bom, porque agora, estás liberto.

O filme não muda. Nós mudamos. E é por isso que **Fight Club** não se vê. Revela-se. Se quisermos.

Eu quis. Hoje quis.

E, enquanto ele finalmente se permite amá-la com a mão na dela, vemos os nossos alicerces e preconceitos caírem em mil pedaços, com outros tantos decibéis dos **Pixies** à procura da sua mente.



Percebi, quando os créditos subiam, em direção inversa aos prédios e às nossas questões de imagem que caíem, que não tinha apenas revisto um clássico.

Tinha revisto o Helder que fui, o que ainda sou e o que talvez esteja a caminho.

Percebi que não estava apenas a rever um filme — estava a rever as versões de mim que deixei pelo caminho.

Há filmes que passam por nós. E há filmes que passam a viver connosco, como uma voz baixa que, de vez em quando, volta a perguntar:

“Tu conheces-te?”

E tu: será que queres ouvir o sussurro?"



Não. Isto não é um teste.

Eu quis.
Hoje quis.
E assim ouvi.
Ouvi o enigma a sussurrar-me — porque o permiti.
Mas primeiro, tive de querer.

Faz o mesmo: vais agradecer-te, a ti próprio.
Porque, acima de tudo, tu quiseste.

Mas... mesmo, mesmo, antes do **"Fim!"** e sem spoilers, como até aqui...

... agora sim, *"Hit the link"*: <https://www.youtube.com/watch?v=jbWHZwD5rGQ>

● FIM ●

Sábado, dia 28 de fevereiro de 2026

Pssst...

Acorda... já estás nos *"créditos finais"*!



Escrita crua, sem filtros, para quem escolhe sentir antes de julgar.
Com mais veneno onde é preciso, e mais humanidade onde dói.
Murros no estômago e abraços à lucidez.
Textos que desafiam convenções, expõem contradições e convidam à reflexão.
Aqui não há papas nem aspás!
Há vida crua, há memória viva, há coragem escrita.

Porque escrever é resistir.
E resistir é escolher viver.

Esta crónica é parte do meu testemunho vivo.
Texto original de **Helder Gonçalves** (#h3ld3rg)

Todos os direitos reservados.

Reprodução, distribuição ou adaptação não autorizada é proibida por lei.



#CrónicasDeSábadoSemPapasNemAspas
#escritacua
#VerdadeSemFiltros
#bisturinarrativo
#innerstrength
#fearless
#transformation
#liveboldly
#motivation
#inspiration